

# O ABRANTES

Director, Editor e Proprietario  
AURELIO NETTO

JORNAL DEMOCRATICO INDEPENDENTE

Redacção e administração  
Rua do Outeiro—Abrantes

## ASSIGNATURAS

Em ABRANTES—Anno: 900 réis; Semestre: 450  
N.ºs localidades—Anno: 1.200 réis; Semestre: 600  
Os ass. assignantes (com o desconto de 20 por cento em todas as suas publicações)

## PUBLICAÇÃO SEMANAL

Impressão e composição na Typ. de Antonio Maria Fragoso  
Avenida D. Carlos I, 3 e 4 — Portalegre

## ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, linha..... 50 rs.  
Secção propria..... 20 rs.  
Anuncios permanentes, contracto especial.—Os autographos não se restituem

## EXPEDIENTE

Vamos dentro de breves dias enviar para o correio os recibos de cobrança respeitantes ao corrente semestre.

Aos nossos presados assignantes esperamos dever o generoso acolhimento do costume, o que desde já muito lhes agradecemos. Aquelles que ainda não liquidaram os seus debitos do semestre anterior, igualmente agradecemos a fineza de os mandarem satisfazer, afim de regularmos convenientemente os serviços da administração do jornal.

## VIOLENCIAS

As instituições que vivem da repressão e que precisam de abafar sob os elementos do poder as manifestações da opinião contraria, não já quando essas manifestações se apresentam sob a forma insurreccional, o que seria legitimo, mas simplesmente pela forma theorica, o que é absurdo, são incontestavelmente instituições condemnadas e a sua queda está proxima se é que não está eminente.

É o que succede em Portugal.

Um regimen implantado ha setenta annos apenas, enxada a força n'uma arvore de maus fructos, refectaria da raça ao systema, não podia deixar de nos conduzir a esta hypocrisia absolutista, durante muito tempo disfarçada nas apparencias de formulas liberaes.

Essa hypocrisia, porem, tem chegado ultimamente ás medidas mais repressivas e anticonstitucionaes, desmascarando-se assim em publico e raso, sem respeito algum já pelas formulas. O Poder, para defender as instituições condemnadas pela fatalidade do destino, poz de lado essas formulas, e sabendo á estacada, iniciou com o franquismo, uma politica draconiana, que

depois da expulsão dos deputados republicanos do parlamento, se tem vindo assignalando em actos do mais puro e perfeito absolutismo, taes como a dissolução e encerramento das côrtes, supressão dos jornaes, liquidação dos adeantamentos, augmento da lista civil, e para a obra ser completa, segundo vemos n' *A Lucta*, até se falla já n'uma reforma administrativa e eleitoral, que terá como consequencia immediata a dissolução de todas as camaras municipales, e a confecção d'um novo recenseamento, que dá ao sr. João Franco, o Messias que se propunha governar á inglaterra o direito de fazer eleições só quando lhe der na gana.

Esta noticia, a confirmar-se, representa mais uma violencia do Poder. Não para os republicanos, mas essencialmente para os partidos monarchicos, progressista e regenerador, que vão receber mais esse pontapé, como paga condigna dos seus serviços ás instituições.

E justo que assim succeda. O franquismo tinha altos destinos a cumprir, e hade cumprir-os, estamos d'isso certos.

Pois que continue. A nós, republicanos, não valerá a pena protestar contra semelhantes violencias do poder. Para que?

Isto hade seguir o natural caminho. Um dia virá em que o povo, farto de tanta politica, senhor da sua vontade soberana, erguerá sobre os escombros da monarchia, em homenagem á Razão, ao Direito e á Justiça uma patria nova, livre e honrada.

Para então a liquidação das violencias.

## «O Mundo»

A este nosso estimado collega da capital, cuja existencia tem sido coroada dos maiores sacrificios e da mais decedida abnegação á causa republicana, que tem servido com todo o calor e enthusiasmo, apresentamos as nossas cordaes felicitações pelo seu 8.º anniversario jornalístico, fazendo ao mesmo tempo votos, e muito sinceros, pela continuação das suas prosperidades e engrandecimento.

## Carta de Lisboa

20—9—907.

A nobre attitude do sr. Augusto José da Cunha, revelada ha dias pela entrevista que um dos redactores d' *O Mundo* teve com aquelle considerado e respeitavel homem publico, tem sido o assumpto obrigado da semana, ouvindo-se em toda a parte palavras d'apoiio e d'agrado para com esse modo de proceder, que é, por certo, o sentir de todos os monarchicos intelligentes.

Na actual conjuntura, quem assim não proceder, morre cobardemente aos olhos da nação.

Aos monarchicos mais afeiçoados e ferrenhos se ouve condemnar, em termos energeticos e de profunda indignação, os homens e o regimen que levaram o paiz á tristissima situação em que se encontra.

Condemnando os homens, essa condemnação recae tambem sobre a arvore á sombra da qual elles se acolhem, atacando insensatamente o sol fulgurante da Liberdade.

Ora, se esses monarchicos já se convenceram de que dentro da monarchia nada se pôde fazer para bem d'esta pobre e escravizada Patria, porque esperam?

Alguns dizem que com outro rei poder-se-hia estabelecer uma monarchia liberal, verdadeiramente democratica. Mas se para isso tinha que mecher se no que está, é logico, é natural que, mechendo-se, se avance até á completa realisação da grande obra democratica que é a Republica.

Não é admissivel, nem se comprehende que, tendo de sahir-se d'isto em que estamos, se dê só meio passo. O caminho naturalmente indicado é do que aquelles que se resolvem finalmente a querer servir com abnegação o seu paiz, vão até onde aconselham a Razão e o Progresso.

Em paizes como a Inglaterra, onde a monarchia é um grande exemplar de Liberdade e de Justiça, e onde o povo se sente satisfeito, gosando de todas as regalias politicas que é dado conceber n'uma nação verdadeira-

mente livre, não é menos logico que se deixe assim estar. Pois se está bem, se lhe são garantidos todos os seus direitos na mais larga e ampla acepção da palavra, porque não continuar como está?

Mas cá, n'um paiz em que a historia do constitucionalismo é constantemente assignalada por periodos do mais cruel despotismo e dos mais graves erros, periodos que formam quasi como o viver normal d'esse regimen, não é admissivel, repito, não se comprehende que, havendo que operar-se uma modificação importante, ella não vá até onde deve ir.

Alem d'isso, uma das mais fortes razões para que a Republica se implante em Portugal, é a vontade do povo. Não do pobre povo que nos campos, de sol a sol,rega com o suor da fronte a terra que lhe dá o pão de cada dia.

Esse não sabe bem o que quer, não lê, não sabe, porque a monarchia nunca lhe quiz ensinar. Mas a vontade do povo culto que dirige outro povo, do povo que sabe ler e que, por isso mesmo, conhece o que lhe tem vindo do regimen. Esse, está saturado, desilludido e indignado com as charlatanices que attingiram o auge quando a *Virtude* escalou o poder, n'um dos relampagos fugazes e breves de anormalidade do nosso constitucionalismo.

E se quasi todos os monarchicos de valor veem e sentem que isto já se não emenda, porque esperam?

A. de Samel.

## Novo Juiz

Tomou na quinta feira posse do respectivo cargo, o novo juiz d'esta comarca, sr. dr. J. Forjaz.

Segundo as praxes do estylo, todo o pessoal da justiça d'esta comarca foi n'esse dia apresentar ao novo magistrado o seu cartão de cumprimentos e boas vindas.

## Partido Republicano

Ficou adiada para o proximo domingo, dia 29, a sessão de propaganda democratica que hoje devia effectuar-se em Belver, e em que seria instalada a Comissão Parochial Republicana d'aquella localidade.

## A' Camara

Chamamos a attenção da camara para o lago do jardim do Castello, cuja limpeza deve ser feita amudadas vezes, e não lá de longe em longe, como é de uso e costume fazer-se. Ainda ha dias um amigo nosso se nos queixou sobre o assumpto, mostrando-nos os perigos e as inconveniencias que poderiam advir da estagnação da agua no lago, que, como já dissemos e é sabido, só se limpa de tarde em tarde, transformando-se assim n'um foco de infeção, perigoso para todos, mas muito especialmente para as creanças.

Porque achámos a reclamação perfeitamente attendivel, d'ella nos fazemos echo, esperando que a camara, por seu turno, a attenda tambem, como é de justiça.

## João Farinha Pereira

Seguiu na sexta feira para Lisboa, devendo partir depois d'amanhã para Londres, onde vae continuar os seus estudos no curso de engenheiro mechanico que alli frequenta, o nosso amigo sr. João Farinha Pereira.

Desejamos-lhe feliz viagem.

## A União e O Abrantes

No jornal catholico a *União*, dirigida pelo sr. dr. Arthur Bivar, um moço levadinho da breca, a quem o Santo Papa deve a maior das amizades, e a Egreja, o prestimo de um combatente de tenaz envergadura, capaz de reduzir a torresmos todos os livres pensadores, vemos allusões disfarçadas cá ao *Abrantes*, que muito nos penhoram, por partirem de um polemista sabio em tretas, e não menos profundo em sciencias do céu e da terra.

Escaceia-nos hoje o espaço, mas como á *tout seigneur tout honneur*, fallaremos mais devagar.

Socegue o donctor.

Regressou d'Alvega, á sua casa de Abrantes, acompanhado de sua ex.ª esposa e filhos, o sr. dr. Arthur Mello.



## De Abrantes a Sevilha

(Instantaneos)

(Continuado do penultimo n.º)

Terça-feira da semana santa, no anno de 1907, do nascimento de Christo.

Acordámos no hotel de Roma, Praça do Duque da Victoria, cidade de Sevilha. O hotel, como todas as principaes cazas d'estas terras andaluzas, abre portas e janellas de quartos para claustros de abobadas e columnas de marmore, corridas em volta do *patio*—largo recinto, ensombrado de palmeiras, atapetado de relvas, vestido de flores, consoladoramente refrescado pela agua a cantar nas conchas do repuxo, erguido no meio. Largos aneis de ferro sustem, nas grades do claustro superior, vasos de goivos, em flor, de cores variadas, de aromas capitosos. É a primeira amostra que se nos patenteia do amor de Sevilha pelas flores espalhadas araviosamente por toda a parte, desde a cabeça das mulheres até ás grades das janellas.

Ao meio dos espaçosos corredores, abobadados, abertos para o *patio*, junto de pequenas mezas, cadeiras de baloiço convidam ao descanso, e provocam á hora do calor, appetites de bebidas refrigerantes, tomadas vagarosamente, absorvidamente, em evocações dos tempos mouriscos que aquellas arcarias, aquelle *patio*, este doce regalo, naturalmente, facilmente provocam.

Lá fora abre-se a praça do Duque, no meio de frondosas palmeiras, por entre tufos de arbustos e massios floridos, que servem de primeira peanha á estatua de Velasquez, em bronze de Susillo. Almoçamos e vamos tomar conhe-

cimento, travar relações, com a cidade alegre, fervilhante, encantadora.

A dois passos fica-nos a *Sierpes*—a rua onde se exibem todas as novidades, onde passeia toda a gente. Lembra, por esse motivo, o nosso Chiado, as Portas do Sol de Madrid, os *boulevards* centrais de Paris, sem contudo, nem por sombras, se parecer nas dimensões com qualquer d'aquelles logares.

A *Sierpes*, onde se vê o melhor de Sevilha, em objectos e pessoas é uma rua comprida e tão estreita, que só peões por ella transitam.

Na *Sierpes* estão muitos clubs, destacando-se o mercantil, o dos lavradores, o militar, com os seus vastissimos salões ao rez-do-chão, abertos em largas portas envidraçadas, que deixam os socios gosar a animação, alegre, febril, da rua, que permitem ao passeante observar a sumptuosidade das salas em regalos de luxo, em requintes de commodidade. Succede o mesmo com os grandes cafés, de paredes de vidro, deixando ver n'uma franca exposição todas as mesas a quem passa na rua, e toda a rua a quem abança ás mezas.

Está na *Sierpes* o sumptuoso e moderno edificio do *Crédit Lyonnais*; abrem-se na *Sierpes* os melhores restaurantes, as mais vistosas, e berrantes, lojas de abanicos, sombrinhas, castanholas, pandeirétas, quadros a oleo com figuras de toureiros, bustos de andaluzas e trechos da vida alegre de Sevilha.

Em mezas, rua fóra, vendem-se flores, canarios, bilhetes postaes, objectos para

toilette, mil coisas variadas e extraordinarias.

Offerecem-se á razão de 160 réis, cravos vermelhos, sanguíneos, brancos puros, estriados, grandes, enormes como novellos, perfumados como bucetas de essencias, appetitosos como boccas de sevilhanas bellas, a abrirem-se em sorrisos, a fecharem-se em beijos.

A concorrência difficulta-nos o caminhar, obriga-nos a um passo curto, muito mais moroso do que o chamado de procissão.

Veem para nós, no encontro natural do vaivem da rua, tipos de ratas, que fazem instinctivamente encolher o nosso abdomen, como se de cada um esperasse uma navalhada. O relógio e a cadeia já nós tinhamos deixado no cofre forte do hotel.

Os factos justificaram-nos depois esta precaução aconselhada pelo hospedeiro, e mostraram nos o exagero do movimento retracil do nosso abdomen apavorado. Durante a semana os furtos de carteiras, e até de simples lenços, foram aos centos, mas o sangue só correu das barrigas dos cavallos, e do pescoço dos toiros.

Vendedores ambulantes apregoam coisas raras. Um d'elles, cercado de gente, grita a bom berrar: «a alegria das familias a pérra gorda».

Queria dizer: «a alegria das familias a vintem».

Paramos porque queriamos saber, ver com estes que a terra ha de comer, como, por vinte réis, se comprava a maior felicidade d'esta vida, duvidando até de que na outra haja fortuna que a eguale. A alegria das familias é um estado de espirito que substancia, que manifesta, todas as felicidades juntas.

Quanto se daria por ella, se se comprasse! Mas aqui apregoava-se a vintem.

Se n'esse momento a tinhamos de sobra, poderia faltarnos n'outro, e então furámos, e, apesar de todas as difficuldades conseguimos chegar ao vendedor. E elle continuava: «a alegria das familias a pérra gorda».

E nós vimos: que a alegria das familias consistia na posse d'um pião de madeira que o vendedor fazia rodopiar na pedra da rua.

Não nos arrependemos da demora, não nos sentimos ridiculamente ludibriados, porque é necessario saber tudo, em toda a parte, e especialmente em paiz estrangeiro. Se o inglez da anedocta tivesse visto, com olhos de ver, não tinha pedido no hotel, em vez de pombo, espirito santo com ervilhas.

E até comprámos um pião, quizémos acreditar na virtude do talisman. Não se guardam as ferraduras achadas no caminho, porque dão felicidade!

(Continua.)

## Monarchicos e Republicanos

Da Vanguarda, artigo do sr. dr. Antonio José de Almeida:

«A dos monarchicos é a attitudé ridicula de quem, tendo deante de si um rochedo, apenas encontra um explosivo para o despedaçar, e cataplasma de li-nhaça».

A do partido republicano é a attitudé sensata de quem observa a lixe de palanque, aguardando e apressando, já se vê, o momento de descer á arena e fazer a liquidação final.

Temos protestado com a altivez que é reconhecida. Temos apertado cada vez mais as malhas da nossa já tão solida organização. Temos levado, com entusiasmo crescente, a todos os corações sensiveis, a obama republicana. Temos gritado, junto de todas as almas, a indignação colerica que gere a fecunda este momento de revolta.

Só nos resta esperar, com paciência mas inalteravel firmeza, a occasião de intervir para reorganizar a nação portugueza.

Podem dizer que a patria está derrotada. Talvez tenham razão. Mas, devido á nossa serena conducta perante as provocações do ministerio, ella não é ainda uma patria vencida.

E, graças ao nosso esforço, que de mil modos se exerce, ella será a seu tempo uma patria victoriosa.»

## Dr. Solano d'Abreu

Encontra-se ha tempo exercendo as funcções de 1.º substituto do juiz de direito d'esta comarca, o sr. dr. Solano d'Abreu, que no exercicio d'esse cargo tem sabido também pôr em foco, e por forma brilhante, as bellas qualidades de talento que o distinguem.

N'uma terra como a nossa em que, salvo uma ou outra excepção honrosa, tanta gente tem exercido eguaes funcções, não em homenagem a meritos proprios, mas tão somente devido á vontade soberana de uma politica rudimentarmente comestinha, apraz-nos registrar o facto que podendo á primeira vista tomar-se como um acto de lisonja, tem da nossa parte, manda a verdade que o confessemos, significação muito diversa.

É já que tocamos no assumpto justifiquemos o que em nossas palavras possa haver de elogio, trasladando para as columnas d'*O Abrantes* uma sentença ha dias proferida no tribunal d'esta comarca, no julgamento do crime d'Abrangalha, que pertence ao numero das misérias terrenas mais dignas da piedade dos homens do que da sanção penal dos codigos. Nessa sentença ha muito de coração e de justiça; a liberdade a uma desgraçada, essa sentença dignifica ao mesmo tempo o o juiz que a proferiu.

El-a:

«Em vista dos autos e das provas resultantes da discussão da causa, julgo procedente e provada a accusação, é a ré Rosa da Conceição, solteira, domestica, d'Abrangalha, inculpa na pena do art. 246.º de Cod. Penal, por ter no dia 18 de maio ultimo feito o enterramen-

## FOLHETIM

MARIA VELLÊDA

## Femenismo

A mulher através dos seculos — Influencia da mulher na educação e emancipação dos povos — A mulher na sociedade futura

Outros se lhe contrapõem, dignificando a dissolução.

Erguem-se templos a Venus.

E os proprios homens de sciencia, como Solon e Xenophonte, lhes prestam homenagem. A natureza feminina predominava por toda a parte, e por toda a parte lhe rendiam culto. As corteças mais celebres da antiguidade, mulheres, que, como as hetairas, pela sua delicadeza, illustração e talento, podiam competir com os homens mais eminentes da Grecia, constituíam, por assim dizer, a legião de sacerdotisas, que enxameavam os templos da deusa Cal-

lypigia. Ao lado da hetaira religiosa, apparece a hetaira philosopha; e a prostituição considerada como uma verdadeira religião, apresenta-se sob diversos aspectos desde a prostituição socrática á prostituição epicurea. Surgem corteças como a hetaira Laena e Aspasia, ambas philosophas, e a mathematica Nicarete. E não só as hetairas, mas também as auletridas, ou tocadoras de flauta, rivais das primeiras, e que como ellas celebravam os mysterios do paganismo, se votavam aos deuses da sua eleição. As auletridas figuravam nas festas solemnes, até da propria deusa Ceres, encantando os espectadores com os harmoniosos sons dos seus instrumentos e as suas danças sagradas.

Depois nas auroras da religião nova, o cristianismo, a mulher desempenhou ainda um papel preponderante e augusto. Até o anno de 369,

em que se celebrou o concilio de Laodicea, na Asia Menor, a mulher, na egreja oriental, exercen o sacerdócio. A mulher impunha-se então por um verdadeiro culto; ella reinava em deusa suprema, sobre os espiritos e sobre os corações. Mas já Tertuliano, celebre doutor da egreja, se tinha manifestado contra a dignificação sacerdotal da mulher. E mais tarde, Santo Athanasio, prohibira-lhe que se mostrasse, durante os seus exercicios e praticas religiosas, impondo-lhe a obrigação de tornar-se repellente, suja, odiosa...

Em 391, o concilio de Cartago baniu a mulher das ceremonias sacerdotaes, tirando-lhe as prerogativas de que gozava, e prohibindo-a de baptisar, de catequizar, e até... de estudar!

Eis a mulher, que nas civilizações antigas, caminhara de par e passo com o homem

— fosse hetaira, grega ou fosse matrona romana—ella que subira tão alto pelas faculdades do seu espirito,—inutilizada pelo cristianismo, relegada e abatida.

Uma seita cristã, cujo nome não me occorre, desviara-a do culto de Jesus, permitindo-lhe tão somente o culto de Maria. Isto prova que já então as bodas celestiaes influíam poderosamente nos sentidos da mulher. Entretanto, ao passo que as mulheres do oriente, desempenhavam um papel importantissimo no culto religioso, as do occidente, muito mais ignorantes, nunca exerceram o sacerdócio, concedendo-se-lhes apenas os diaconatos e os cuidados materiaes da egreja.

O golpe de misericórdia na mulher sacerdote foi-lhe dado successivamente por tres concilios occidentaes do seculo V; e desde então, ella que entrara nos templos, como

rainha, passou a rojar-se-lhes no pó como escrava!

O culto da Natureza, inspirando as religiões do paganismo, tinha approximado a mulher dos deuses, creando-lhe attribuições superiores, pondo-a em contacto com as sciencias. O cristianismo, porém, baseado na esperança d'outra vida, lança-a na indiferença—ou antes—no odio pela natureza, que considera nefasta e maldita. No cristianismo, desde a planta, que a Grecia, a Germania a Gallia, tinham divinizado; a planta, que é a saude, o remedio, o alimento, a companhia do homem; desde a planta até o animal toda a natureza se tornou suspeita.

Se o paganismo tinha sido a religião do amor, da vida e do prazer o cristianismo converteu os seus excessos voluntuosos em excessos de represão e penitencia.

(Continua.)



to de um recém-nascido, filho d'ella, sem as formalidades legalmente prescritas e em lugar improprio e não destinado ao cemiterio.

Considerando que a ré, nos autos e nas perguntas do julgamento, confessou espontaneamente o facto imputado;

Considerando tambem que na audiencia se provou o bom comportamento da ré na sua qualidade de mãe extremosa, com respeito a outros filhos, que a illegitimidade não levou a abandonar com o fim vulgar, frequente, de esconder deshonra, recuperar considerações ou conseguir outro estado, matrimonial ou clandestino;

Considerando ainda que tambem se provou que o facto se dera em seguida ao termo de uma syncope, e logo depois de um parto, realizado em condições miseraveis, no abandono, sem assistencia, e quando, portanto a intelligencia da ré, se não era de todo perdida, o que daria a imputabilidade, não podia comtudo estar em estado de lucidez que deixasse ver o perfeitto conhecimento do mal;

Considerando por fim que no acto do julgamento, a ré provou a sua pobreza em conformidade, e para os fins da art. 11.ª da lei de 4 de maio de 1896;

Condemna a mesma ré em um mes de prisão correccional, sem custas nem sellos.

Atendendo ao art. 4.º da lei de 14 de junho de 1884 levante em conta o tempo de prisão já soffida. E em vista dos autos e do art. 11.º do decreto de 21 de setembro de 1901 mando que a ré seja posta em liberdade.

Abrantes, 7 setembro, 1907.  
Francisco Eduardo Solano d'Abreu.

### Nascente d'agua

Proximo da Fadagosa de Belfer, a uns 3 kilometros da estação de Alvega-Ortiga appareceu ha dias uma importante nascente d'agua sulfurea, que inundoa os terrenos proximos, sahindo a agua com extraordinaria força e impetuosidade.

### Boato sensacional

D'A Lucta, de quinta feira ultima:

Chega nos á ultima hora a noticia de que ao conselho de ministros de sexta feira serão presentes as novas reformas administrativas e eleitoral.

Em consequencia da primeira serão immediatamente dissolvidas todas as camaras municipais e substituidas por commissões administrativas.

Em virtude da segunda, ter-se-ha de proceder á confecção de um novo recenseamento, pelo que não haverá eleições municipais durante um anno. Quanto ás eleições de deputados, realizar-se-hão... quando isso dê na gana ao chefe do governo.

Eis a noticia que nos chega ás 4 horas da madrugada, trazida por pessoa de todo o credito e que costuma andar bem informada. Apesar d'isso, porém, damos a apenas a titulo de curiosidade, conquanto estejamos convencidos de que o governo é capaz de todas as desmandos.

A confirmar-se semelhante boato, o que succederá cá por Abrantes?

Nun se sabe.

## A Festa Escolar da Sociedade Artistica Abrantina 1.º de Maio.

Encantadora sob todos os aspectos, a festa escolar levada a cabo em domingo ultimo pela Sociedade Artistica, para distribuição de premios aos alumnos que mais se distinguiram durante o ultimo anno lectivo na aula pelo methodo João de Deus, que essa Sociedade criou vae para tres annos, e que vem mantendo com muita abnegação e zelo.

A festa realizou-se no theatro Taborda, que regorgitava de espectadores, vendo-se nos camarotes e frizas grande numero de senhoras, que com as suas toilettes vistosas, davam á elegante sala um tom alegre, a que vinha juntar-se, n'uma harmonia perfeita, o rumorar da petizada, toda vida e amor.

A sessão solemne, que foi abrilhantada pela banda do Gremio, abriu ás 5 e meia horas da tarde, fazendo logo uso da palavra como presidente da assembleia geral da Sociedade Artistica, o sr. Thiago do Nascimento, que, explicando os fins da reunião, propoz para presidir o sr. dr. João de Deus Ramos, o devotado apostolo da instrucção popular, filho do grande poeta João de Deus, que de Lisboa, e com a franca amabilidade que o distingue, tinha vindo trazer áquella festa o concurso da sua palavra e o prestigio das tradições da que é herdeiro.

A assembleia acolhe essa proposta com entusiasmo, e ao dr. João de Deus Ramos é então prestada uma calorosa ovação, que elle agradece, saudando o povo d'Abrantes. Para secretarios são indicados o sr. Marques Farinha e o director d'O Abrantes.

Constituida a meza, começa no uso da palavra o sr.

### Dr. João de Deus Ramos

que falla brilhantemente, abordando com profundo conhecimento de causa o problema da instrucção, mostrando quanto elle sobreleva a todos os outros. Historia os males da sociedade portugueza, attribuido-os ao analfabetismo que estiola moral e intellectualmente a população do paiz, a qual compara, na deducção de argumentos irrefutaveis, que calam no animo de toda a assembleia, a outros povos do globo, cujas conquistas civilisadoras desenhava e aponta com mão de mestre, e como salutar exemplo a seguir, se porventura quermos emancipar-nos do vergonhoso conceito em que somos tidos pela Europa culta,

Referindo-se a Abrantes, terra a quem dirige os maiores louvores, diz que é extremamente consolador para elle ver que o terreno aqui está preparado para uma obra util e proveitosa. Urge que a semente fructifique, e que ás dedicações já esboçadas n'esse sentido com tanta perseverança e altruismo, se venham juntar ainda muitas outras, cada uma com a quota parte do seu esmero, para assim, e mais de prompto, se conseguir esse desideratum. Allude ainda á Caixa Economica de Abrantes, annexa ao montepio Soares Mendes, que considera uma instituição de largo alcance para o operariado abrantino, desde que as suas vantagens sejam bem comprehendidas por todos. Para o instituidor d'esse melhoramento, o sr. Egidio Salgueiro, tem o dr. João de Deus Ramos palavras do mais caloroso elogio, terminando o seu discurso, que foi coberto de applausos, por saudar a Sociedade Artistica, incitando-a a que prosiga no caminho encetado sem desanimos nem tibiezas.

Seguin-se o sr.

### Dr. Ramiro Guedes

que é recebido com palmas e vivas. O distincto medico e considerado democrata, depois de agradecer a manifestação com que foi recebido, inicia o seu discurso, invocando a memoria saudosa de João de Deus, o poeta genial de quem foi amigo e admirador devotado, para á sombra d'ella, n'uma homenagem muito intima, saudar o filho do poeta que elle conhecera em infancia, e que via alli, já homem, a combater pela instrucção do povo, honrando assim as tradições que seu pai lhe legou. Dirigia-lhe por isso as suas felicitações, animado da certeza de que não serão baldados todos os esforços que tenham em vista expurgar das nossas estatisticas a vergonhosa percentagem de 78 por cento de analfabetos. A causa dos males que peizam sobre o paiz, de qualquer natureza que elles sejam, provem precisamente do atraso em que se encontra o nosso povo. No dia em que elle souber ler e escrever—exclama entusiasmado o dr. Ramiro Guedes—não mais teremos uma nação que permita todo o genero de violencias e toda a casta de dispanterios. Resolvido o problema da instrucção, estarão resolvidos todos os outros.

E para ensinar a ler, de todos os methodos que eu conheço—exclama ainda o dr. Ramiro Guedes—permittam-me que prefira a *Cartilha Maternal*. Nada conheço de melhor, não só entre nós, como nos paizes mais adiantados em progresso. Para mim,

a obra do pedagogo sobreleva á do poeta genial que foi João de Deus. Pela *Cartilha Maternal* ensinei a ler minha filha; por ella tambem ensino meus netos a balbuciarem as primeiras letras do alphabeto, para que saibam ser homens e cidadãos. Que todos façam o mesmo, e terão feito alguma coisa de nil.

O sr. dr. Ramiro Guedes termina o seu discurso, alludindo á benemerita *Associação das Escolas Moeis*, cujo elogio faz em palavras justissimas, que não esquecem a inquebrantavel tenacidade do velho democrata Cazemiro Freire, alma e caracter de primeira grandeza, a quem a instrucção em Portugal deve relevantissimos serviços.

Extremamente applaudido, segue-se-lhe o estudante sr.

### A. Ribeiro Lopes

a quem a assembleia acolhe com effusivas demonstrações de sympathia.

O seu discurso é o de um novo cheio de entusiasmo, com o cerebro povoado de ideias generosas, o coração aberto a todos os sentimentalismos. Falla sobre a instrucção com calor, abordando tambem, e ainda que intempestivamente, o problema politico, para o qual reclama uma solução immediata.

Foi muito applaudido.

Tem depois a palavra o sr.

### Marques Farinha

cujos discursos despertam entusiasmo nos assistentes pela maneira como o orador alludiu á obra de João de Deus, para, por sua vez, envolver n'um bouquet de flores, dispostas com muita arte e sentimento, a obra do filho.

Discurso breve e rapido, com situações emocionantes, em que por vezes se nos afigurou ver o poeta do *Campo de Flores* resuscitado do seu tumulo, pairando por sobre todos nós como um astro de incommensuravel brilho, a espargir a benção do seu sorriso ás creanças que elle tanto amou em vida.

Marques Farinha foi bastante ovacionado, seguindo-se-lhe o

### Director d'O Abrantes

que começa por se referir aos oradores que o precederam, tendo para todos elles palavras do maior elogio. Orgulha-se em tomar parte n'uma festa d'aquella ordem, cuja significação moral é muito maior do que a de premiar creanças que se distinguiram pelo seu trabalho e applicação escolar.

Ha alli muito que aprender; e se n'esta hora de vicissitudes porque atravessa a patria portugueza, alguma obra meritoria ha a realizar, essa obra deve consistir em promover a instrucção do povo, de forma que a patria de Camões hoje

património de despotas e valhacontos de politicos gananciosos, deixe de ser uma terra de escravos para passar a ser uma nação de cidadãos livres. Abunda nas ideias expostas com superior brilho pelo sr. dr. Ramiro Guedes, e conclue o seu discurso, fazendo votos para que dentro em breve a percentagem de 78 por cento de analfabetos desapareça das nossas estatisticas, affirmando-se Portugal perante todo o mundo um paiz livre e independente.

Tem depois lugar as

### Provas e distribuição dos Premios

O jury, composto da meza e do sr. dr. Ramiro Guedes, attendendo ao adeantado da hora, pede ao professor, o sr. José Manoel de Jesus, esclarecimentos sobre o aproveitamento escolar dos alumnos, limitando as provas a um pequeno exercicio de dictado, leitura, e calculo mental.

A seguir procedeu-se á distribuição dos premios, que foram distribuidos pela seguinte forma:

N.º 1—Premio «Alice Salgueiro» (1:250 rs.) constituído por Egidio Salgueiro, em homenagem á memoria d'uma filhinha que lhe falleceu ha annos—distribuido Virginia Paulo;—N.º 2—Premio «Alice Salgueiro» (1:250 rs.) a Elyseu Vieira;—N.º 3—Pão Nosso, de Trindade Coelho, a José Ignacio Lobinho;—N.º 4,—*Infelizes*, de D. Anna de Castro Osorio, a Julia Gabriela;—N.º 5,—*Historia Alegre de Portugal*, a José Braz;—N.º 6,—*Deveres dos Filhos e Almanach de Lembranças*, a Marianna da Conceição;—N.º 7,—*Um volume de Julio Verne*, a Maria do Rosario;—N.º 8,—*Um volume de Julio Verne*, a Maria José;—N.º 9,—*Deveres dos Filhos e Almanach*, a Jorge Roque;—N.º 10,—*Idem*, a Amelia Paulo;—N.º 11,—*Contos para Crianças*, a Luiz Vizeu;—N.º 12,—*Idem*, a José Camillo;—N.º 13,—*Idem*, a Francisco Vizeu;—N.º 14,—*Idem*, a Julio Amaro;—N.º 15,—*Idem*, a Nicolau Cardozo;—N.º 16,—*Deveres dos Filhos*, a José Ventura.

—Os livros *Contos para Crianças*, ricamente encadernados, foram offerecidos pelo sr. dr. Ramiro Guedes, e os restantes pelo sr. dr. João de Deus Ramos.

Assim terminamos uma festa por tantos motivos sympathica, reveladora dos esforços d'uma sociedade, que embora pobre, alguns serviços tem ja prestado á instrucção.

### Batoques e Rolhas

Vende em boas condições Antonio Martinho da Costa—S. MIGUEL DO RIO TORRES.



